



Língua e Cosmologia Kaiowá

Ebifânia da Silva Ortiz¹

Considerações iniciais: Aspectos Históricos do Tekoha² Panambi Lagoa Rica

Atualmente, nas terras indígenas no sul do MS, grande parte da população kaiowá é bilíngue. Entretanto, existem coisas que só podem ser ditas em kaiowa. Isso gera, muitas vezes, dificuldade de tradução. Entendemos aqui que uma língua está relacionada a um sistema de pensamento, a um jeito de pensar. Assim, tem coisas que só podem ser pensadas em Kaiowá, porque dizem respeito a aspectos da vida kaiowá. Outras coisas só podem ser ditas em português, porque dizem respeito ao mundo dos brancos, não tendo termos para expressar na língua indígena. Isso faz com que, muitas vezes, as pessoas alternem palavras em português e kaiowá. Neste sentido, gostaríamos de pensar como a língua indígena é tanto um jeito de resistir politicamente assim como a manifestação de um sistema mundo, de uma concepção cosmológica da vida.

As transformações da língua indígena foi consequência da chegada dos brancos, das relações de trabalho, das reservas indígenas e da introdução da escola. Com tudo isso os kaiowá foram sendo obrigados a falar português.

A história dos Kaiowá e Guarani é caracterizada por conflitos decorrentes de disputas pela posse de seu território tradicional,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGANT/UFGD).

² *Tekoha* significa o lugar onde é possível reproduzir o modo de ser Guarani e Kaiowa. O prefixo *Teko* representa um conjunto de normas e costumes, enquanto o sufixo *Há* dá conotação de lugar. Assim, se o *Tekoha* é o lugar onde é possível a reprodução do modo de vida Guarani e Kaiowá, é necessário considerar que sem *Teko* não há *Tekoha*, mas também, que sem *Tekoha* não há *Teko* (PEREIRA,2004; MOTA,2011)

marcada por negociações, promessas e acordos mal cumpridos. A vida dessas populações alterou-se radicalmente após a conhecida guerra do Paraguai, (1865-1870), com a vinda das frentes de colonização, como a Companhia Matte Larangeira. Os Kaiowá e Guarani foram confinados, através de um processo claramente marcado pelo desrespeito aos dispositivos legais e por violências físicas e culturais. Nos últimos anos buscam retomar parte das terras que lhes foram expropriadas no decorrer de sua história, mas confronta-se com títulos de propriedades dados pelo Governo que começaram a ser doadas na época na empresa ervateira, para que o restante das terras ótidias como devolutasö, fossem usadas para as frentes de colonização. (FERREIRA, 2007, P.106)

Entre o ano de 1915 e 1928 o SPI (Serviço de proteção ao índio) demarcou oito reservas indígenas para retirar os Guarani e Kaiowá de suas terras e os transferirem para dentro delas. Aos poucos os indígenas foram obrigados a se mudarem para elas. As famílias que não saíam das terras acabaram sendo expulsas com violência. Quando saíam da terra os fazendeiros providenciavam a destruição do lugar onde viviam. Nas reservas ficou difícil viver como viviam no tekoha e isso causou uma série de prejuízos. Com a reserva chegou muitas misérias, chegou o suicídio e a desnutrição. Para os indígenas foi uma perda de autonomia em relação à grande parte dos aspectos de suas vidas, mas também a reserva era único espaço para as famílias construírem seu novo tekoha.

As reservas também se tornaram espécies assistenciais para onde se dirigiam e ainda se dirigiam a grande parte dos recursos públicos destinados aos atendimentos destas populações nas áreas de saúde, assistência social, incentivo à produção agrícola e segurança alimentar. Além disso, instituições não governamentais também privilegiam a implantação de projetos nestes locais. A promessa de atendimentos foi usada como argumento para atração de famílias indígenas que para lá seguiam na expectativa de serem atendidos pelo estado e por instituições não governamentais como a missão Evangélica Caiuá

que atua na área assistencial, de saúde e de educação.
(CAVALCANTE, 2013, P.87)

Apesar dos esforços dos fazendeiros e do SPI para retirar os povos indígenas de suas terras tradicionais havia grupos que faziam maior esforço para conseguirem permanecer no local, algumas vezes fugindo para refúgios de mata. Com o desmatamento das fazendas foi ficando cada vez mais difícil encontrar refúgios para viver. Depois, com as reservas ficando muito cheia, as famílias voltaram para os territórios tradicionais. É isso que podemos observar na luta pela terra das comunidades e terras indígenas Panambi-Lagoa Rica e Panambizinho. As duas áreas estão localizadas na região onde o governo federal instalou a colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND).

Foi na década de 1950, que Dourados recebeu uma avalanche demográfica composta de migrantes de diversas regiões do país, mas, sobretudo do Nordeste, os quais saindo de uma terra seca e árida vinham tentar a vida nas terras férteis do sul de Mato Grosso do Sul. Estes migrantes se tornaram colonos da colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) ou simplesmente como relatam os ex-colonos-colônia federal. Esta abrangia uma extensa área correspondente à atual região da Grande Dourados, formada pelos municípios de Dourados, Fatima do Sul, Vincetina, Jatei, Douradina, Gloria de Dourados e Deodópolis. (cf.NAGLIS,2008). Este migrante aqui se fixaram se tornando pioneiros dos municípios que surgiram a partir da colônia, como é o caso dos municípios da 2ª zona da CAND, está localizada ao lado direito do rio Dourados, que na época foi desbravada pelos õpunhos do colono, como dizem os memorialistas. (MENEZES Ana Paula, 2011.p.2)

As duas terras indígenas se inter-relacionam de fato e compartilharam a mesma história durante o período em que lutaram para permanecer em suas terras. A pesquisa etnográfica será feita na terra indígena Panambi-Lagoa Rica, lugar onde resido, uma área indígena ocupada pelos kaiowa, localizada entre Douradina e Piraporã, a quarenta quilômetros do município de Dourados, estado do Mato Grosso do Sul.

A importância da Língua Materna kaiowá

No *Tekoha* Panambi Lagoa-Rica a valorização da língua materna é um instrumento importante para o grupo presente. No local se observa que dentro da comunidade as crianças, jovens e as pessoas mais velhas se comunicam principalmente na sua língua materna. Deste modo, quero conhecer mais da importância da língua materna para a transmissão do conhecimento tradicional, muito importante para a vida no acampamento. Também quero entender mais sobre a importância de aprender a língua portuguesa, entretanto, quero conhecer melhor as limitações do português na transmissão do conhecimento indígena.

A partir desta pesquisa pretendo analisar a luta e a resistência dos povos ali presente, quero compreender se a língua indígena é um instrumento na luta pelos seus territórios e para a continuidade de seu modo de ser e viver. Para descobrir mais sobre a importância e transformações da língua indígena pretendo conversar com as pessoas mais velhas de Panambi/Lagoa Rica e o acampamento Guyra Kambiy. Analisando a partir das histórias como foi o processo dos kaiowa de Panambi e como resolveram colocar em prática suas estratégias de ocupação do território retomando pequenas partes da área reivindicada. Por outro lado, observarei as crianças que permanecem no local, como está sendo o processo de estarem ali com seu povo valorizando seus cantos, danças e principalmente a língua materna e como o bilinguismo tem se manifestando no meio disso. A língua, ou, melhor, as palavras ditas na língua materna são um instrumento fundamental para os Guarani e Kaiowa da atualidade. Quero pensar sobre a importância do bilinguismo dentro da comunidade atualmente, já que sem o bilinguismo não teríamos o acesso aos conhecimentos ocidentais, seria mais difícil lutar pela terra, também não seria possível a comunicação com os parentes de outras etnias.

A língua no contexto Escolar

A mesma importância que o indígena teve em aprender o português para se manter no mundo dos brancos teve também a língua materna. Vejo isso dentro do acampamento e dentro do contexto escolar.

A manutenção da língua depende do próprio povo, o português chegou como um complemento, no sentido de nós entendermos e conhecer a outra sociedade. Em um mundo cada vez mais global falar uma segunda língua tornou-se imperativo para o sucesso pessoal e profissional da pessoa. Mas toda a língua é uma construção particular,

utilizada como forma de transmissão de conhecimento, sendo alguns deles só transmitidos em guarani. Daí a importância do ensino bilíngue que muitas escolas passaram a oferecer depois que os indígenas passaram a lutar por uma educação diferenciada. Entretanto, a escola complica isso quando coloca mais línguas no currículo, como as disciplinas de inglês e espanhol.

Outro aspecto a ser observado é a chegada das novas tecnologias, como a internet e outras mídias, dentro das áreas indígenas. Por conta delas também se usa mais o português e isso gera um impacto entre os jovens e adolescentes, em alguns casos, não querem mais aprender a língua materna. A presença de muitas instituições não indígenas dentro das comunidades é outro fator que favorece na circulação do português. Apesar disso, dentro de casa, se fala quase sempre em guarani. Ela é necessária desde o nascimento da criança indígena, para passar instruções necessárias para a nova pessoa crescer bem, feliz e com saúde.

Entendo a língua, a mitologia e a cosmologia indígena como formas fundamentais para dar continuidade as práticas sociais dos Kaiowá. Entretanto, a língua também pode ser utilizada como uma forma de resistência. Sem ela não saberíamos nossas histórias, nossas origens sobre a criação de todos os seres, os cantos e as rezas. Neste sentido, a presente pesquisa é importante na medida em que nos auxilia a compreender como os Kaiowá tem se esforçado na manutenção da língua indígena e qual a importância da língua materna para a reprodução dos modos específicos de ser Kaiowá.

Metodologia para realizar a pesquisa dentro da minha própria comunidade

Para realizar esta proposta devo realizar uma pesquisa etnográfica na terra Indígena Lagoa Rica da etnia kaiowá localizada no município de Douradina na Região de Dourados, aproximadamente 196 Km de Campo Grande ó MS. Para isso vou me apoiar nas discussões realizadas por pesquisadores da etnologia indígena e também por pesquisadores indígenas, que também realizaram a pesquisa na sua própria comunidade. Devo realizar trabalho de campo na Terra Indígena Panambi/Lagoa Rica, no mesmo local onde o pesquisador Izaque João trabalhou sobre o batismo de milho. A pesquisa dele é uma importante referência para pensar sobre o trabalho de campo na minha comunidade.

A antropologia já produziu muitos trabalhos para orientar as pesquisas de campo, como o trabalho do Roberto Cardoso de Oliveira (2006). Entretanto, pensando que devo realizar pesquisa com meu próprio povo devo estar atenta para reflexões realizadas por outros pesquisadores indígenas, como é o caso de Eliel Benites, que ressalta para nós acadêmicos indígena como é importante destacar o papel da educação indígena dentro da academia e busca mostrar o fortalecimento e resistência da afirmação do nosso modo de ser nesse processo.

Quanto mais me envolvia com a sociedade não indígena, através da escola e da igreja, nascia, no meu interior, a necessidade de me adaptar a ela, a partir da negação da minha identidade, da língua materna e, principalmente, negar o lugar onde moro. Via que todos os elementos da minha cultura eram como coisas negativas, ruins, uma deformação. Mas com o envolvimento na luta dos professores indígena, comecei a fortalecer o espírito kaiowá e guarani. Demorei muito tempo para ter o mesmo discurso de muitos professores mais antigos sobre a questão da terra, da educação, da cultura, da língua, sobre a cosmologia e as lógicas kaiowá e guarani de percepção de mundo. Percebi que os elementos da natureza eram todos ligados e a atuação do homem deve ser orientada a partir da mitologia, da crença, da religiosidade, tendo como perspectiva o equilíbrio total do mundo. Entendi, então, que a escola, com o seu currículo disciplinado, durante a minha formação no contexto escolar não indígena, desviou o meu olhar e me afastou do meu ser kaiowá.
(BENITES, Eliel. 2014)

Outro trabalho importante para refletir sobre a presença de pesquisadores indígenas na universidade, e também na comunidade, é a dissertação de Celuniel Aquino Valiente. O autor, que fez a pesquisa com sua parentela, ressalta na sua dissertação do mestrado, como acontece a experiência de ser um pesquisador indígena pesquisando o seu próprio cenário de vida. Neste mesmo sentido, vou desenvolver a pesquisa de campo com a minha própria comunidade, também na escola indígena onde sou professora de sociologia. Para pensar sobre a chegada do português no nosso cotidiano poderei conversar com a minha parentela, com os mais velhos, com os meus

avôs, tios e tias, como o objetivo de saber como a língua vem se transformando e como vem transformando a comunidade.

Através da pesquisa imagino poder responder algumas questões que dizem respeito ao bilinguismo. Como estão usando o português os jovens, principalmente com a chegada das novas tecnológicas? Quais os efeitos positivos e negativos do bilinguismo na comunidade? Quais são os pontos positivos e negativos dentro da educação escolar? Em relação à transmissão dos conhecimentos e saberes tradicionais, será que houve a transformação dentro da comunidade? Como as crianças lidam com a experiência viver a experiência de dois mundo tão diferentes, dos Karai e Avá (Branco e índio). Há críticas dos mais velhos para juventudes, sobre Nhêê puku³, mbyky⁴, ymã, pyahu, há tuja, (falar, longo, curto, antigo, novo e bem antigo)? Como ouve essa mudança e transformação do Nhêê ymã e pyahu, (Falar, antigo e novo).

Ainda sobre o trabalho de campo, a partir da ideia do Enoque Batista Ava Rendy`i sobre como pesquisar dentro da comunidade, sobre como fazer para ouvir as histórias importantes para o trabalho, devo fazer uma reflexão sobre como me colocar enquanto pesquisadora entre meus próprios parentes.

Nesse momento chegou a ideia de mudar, em como pegar facilmente as informações, sem o idoso nem perceber. Para isso precisava mudar o meu comportamento, o meu modo de falar e de vestir. E dialogar com essas pessoas, por que na minha idéia as pessoas que entrevistei, devem se sentir bem à vontade. Para isso a primeira coisa, é não levar material, nem ir com roupa de moda, na casa da pessoa entrevistada. Só depois que mudei as minhas atitudes, pequei muitas mais informações durante o nosso dialogo surgiu várias respostas para minhas pesquisas. Se alguma pergunta ele não responder marco outro dia para ir na casa dele. Antes é preciso perguntar se ele deixa ir na casa dele e levar o material de pesquisa para continuar a entrevista. (BATISTA, 2006, P.141)

Os cuidados que dizem Batista são muito importantes para que se criem as condições necessárias para o desenvolvimento da pesquisa na comunidade.

³ Nhêê Puku, palavra Nhêê se refere a língua kaiowá ã Falar, falaõ e õPukuõ a tradução para Língua português ãLongoõ, A fala comprida, que existia as palavras compridas, longo, que não são mais ditas.

⁴ Mbyky, Ymã Pyahu. ã Curto, antigo e Novoõ para os mais velhos algumas palavras não são mais ditas, algumas palavras novas são ditas.

Para atingir os objetivos acima selecionados devo, enquanto etnógrafa, fazer o uso da língua materna em diferentes situações. Por isso, a pesquisa deve ser feita em diferentes lugares, com diferentes pessoas na aldeia e no acampamento. A partir disso, quero compreender melhor como foi surgindo o bilinguismo na aldeia e contar das dificuldades de comunicação da língua portuguesa como a segunda língua. Para isso devo conversar com pessoas mais velhas, idosos, familiares, Nhandesy e Nhanderu (nossa Mãe e nosso Pai), a fim de ouvir e registrar na língua indígena mitos importantes para os conhecimentos dos kaiowá sobre o mundo.

Nessa pesquisa busca-se entender como a comunidade mantém a valorização da língua materna e como isso é trabalhado na presente escola Joãozinho Caarapé Fernando. Também devo observar na escola como a língua materna tem sido trabalhada e como as crianças usam a língua indígena no contexto escolar, de que modo que as crianças estão se comunicando dentro e fora da educação escolar, como tem sido a comunicação com os professores não indígenas na escola, usando a sua língua materna e a língua portuguesa.

Para tanto, preciso estar atenta à realidade de fazer pesquisa com meu próprio povo, dentro da minha comunidade e também pesquisar e etnografar o lugar onde estão Nhandesy e Nhanderu do acampamento Guyra Cambi'y. Será realizado um diálogo com as pessoas mais velhas do acampamento e como foi o processo de deslocamento da aldeia para a retomada, e como a preservação da língua materna foi e é importante para a comunidade local, assim como a valorização dos mitos, danças, cantos e rituais para os kaiowá, tanto na aldeia como na retomada, ambas não desvalorizam os costumes e os valores tradicionais e principalmente a língua a materna.

Neste sentido, as reflexões feitas sobre o trabalho de campo por autores como Roberto Cardoso de Oliveira, no texto *olhar ouvir e escrever*, podem ser revisadas com reflexões feitas por pesquisadores indígenas, que falam como é fazer pesquisa junto de sua própria sociedade. O Celuniel Aquino Valiente fez seguinte reflexão sobre sua experiência etnográfica, mostrando como foi a experiência da escrita:

Quero compartilhar aqui a minha experiência da escrita do presente trabalho. Não construí essa escrita trabalhando nela continuamente, pois, se trabalhasse sem cessar, creio que não seria construída porque não se deve focar tudo de uma vez e de imediato na transcrição do todo vivido pela coletividade, o que seria impossível. Para

não desanimar, optei por viver mais com minhas relações sociais do que com a escrita. Ou seja, um dia escrevo e no outro passeio pela comunidade, convivendo na minha parentela, me relacionando e observando como interagem as parentelas entre si. Observo, vivo e escolho um dia para trabalhar profundamente na escrita do que já observei, selecionando o que me interessa discutir no texto, lembrando da experiência vivida na parentela e na reserva. (Valiente, Celuniel, 2019, pag.29)

Assim, para os pesquisadores indígenas, *olhar, ouvir e escrever* tem outro tempo. Seu próprio tempo. E seu próprio jeito de fazer. Não tem volta para casa para escrever. Escrevemos, vemos e ouvimos, escrevemos novamente e repetimos o ciclo continuamente, até que se tenha um texto.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Enoque - Ava Rendy`i. 2006. Fazendo pesquisa com meu povo. *Revista Tellus, ano 6, n. 10, abr.*

BENITES, Eliel. 2014. Oguata pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Teóyikue. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco.

BRAND, Antônio. 1997. O impacto da perda da terra obre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da PUC/RS.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2006. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp; Paralelo 15.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. 2013. Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis ó UNESP ó Universidade Estadual Paulista, SP.

FERREIRA, Eva Amaria Luiz. 2007. *A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores na Companhia Matte Larangeira*. Dissertação de Mestrado.

Dissertação de mestrado apresentado para o Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, MS.

JOÃO, Izaque. 2011. Jakaira Reko Nheypyr Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri y, Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, MS.

PEREIRA, Levi M. 2004. *Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno*. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

MENEZ, Ana Paula. 2011. COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS-HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados. Revista *História em Reflexão*: Vol. 5 n. 9 ó UFGD, MS.

VALIENTE, Celuniel Aquino . 2019. MODOS DE PRODUÇÃO DE COLETIVOS KAIOWÁ NA SITUAÇÃO ATUAL DA RESERVA DE AMAMABAI, MS. Dissertação (Mestrado em Antropologia) ó Universidade Federal Da Grande Dourados.